

# “E Aquela Peça com Dentes que Se Encaixam?”: uma análise geossociolinguística do português falado no Maranhão

*What About that Device of Two Teeth Rows Which Interlock?: a geossociolinguistic analysis of Portuguese spoken in Maranhão*

Israel Ferreira Santos<sup>1</sup>

Laryssa Francisca Moraes Porto<sup>2</sup>

Georgiana Márcia Oliveira Santos<sup>3</sup>

**Resumo:** A língua é heterogênea e está em constante processo de variação e mudança. Ao considerar o exposto, este artigo teve como objetivo analisar a variação lexical ocorrida no campo semântico Vestuário e Acessórios do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), considerando, além do fator diatópico, as variáveis sociais sexo e idade. Esse campo contém nove questões, porém, este estudo limitou-se à análise apenas da questão 220, referente a *fecho éclair*, pela expressiva variação lexical apresentada. O *corpus* deste trabalho é constituído pelos dados coletados na rede de pontos do ALiMA composta por 16 localidades: São Luís, Raposa, Pinheiro, Alto Parnaíba, Balsas, Carolina, Araiões, Brejo, São João dos Patos, Caxias, Codó, Imperatriz, Turiaçu, Carutapera, Bacabal e Tuntum. Para a coleta de dados, o ALiMA elencou quatro informantes de ambos os sexos, distribuídos em duas faixas etárias: faixa I- 18 a 30 anos e faixa etária II- 50 a 65 anos, com

<sup>1</sup> Professor do IFMA/Campus Viana. E-mail: sri25snts@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Letras/UFMA. E-mail: lakaporto16@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Letras/UFMA. E-mail: georgiana.marcia@ufma.br

ensino fundamental incompleto, à exceção da capital São Luís que teve mais quatro informantes com ensino superior. Este estudo apoia-se nos pressupostos teóricos-metodológicos da Dialetologia e da Geossociolinguística e como resultados obteve-se, por exemplo, que a variante *reque* foi utilizada, apenas, pelos informantes do sexo masculino e foi mais recorrente entre os informantes da faixa etária II, na qual apresentou 67% de ocorrência contra 33% registrado na faixa etária I. *Ri-ri*, semelhantemente, foi mais frequente na fala dos informantes do sexo masculino, totalizando 57% de ocorrência contra 43% constatado na fala dos informantes do sexo feminino e, também, foi mais utilizada pelos informantes da faixa etária II, contabilizando 71% das ocorrências nessa faixa contra 29% na faixa etária I. Esses resultados reforçam a importância dos falantes mais idosos na preservação de determinadas formas lexicais, mas também, apontam os homens como mantenedores das heranças lexicais do português falado no Maranhão.

**Palavras-chave:** Léxico; Geossociolinguística; Vestuário e Acessórios.

**Abstract:** *Language is heterogeneous and it is Always changing. Based on it, this research aims to verify the lexical variants within the Clothing and Accessories field of the Semantic-Lexical Questionnaire (SLQ) from the Linguistic Atlas of Maranhao. In order to do it, it has been considered the social varieties – gender and age – and also the diatopic one. The semantic area contains nine questions, however, in this present study, it was narrowed down to the 220 question only, which refers to “feiche éclair” due to its eloquent lexical variant. The corpus of this research is constituted by the ALiMA project network in the following cities: São Luís, Raposa, Pinheiro, Alto Parnaíba, Balsas, Carolina, Araioses, Brejo, São João dos Patos, Caxias, Imperatriz, Turiaçu, Carutapera Bacabal e Tuntum. To collect the data, it was needed four informants of both genders and two age groups: 18 to 30 years old and 50 to 65 years old, all of them are from an incomplete elementary level of schooling. In addition, four more informants from São Luís were also selected, who have a higher level of education. Besides, this work is supported by the Dialetology and Geossociolinguistic theoretical and methodological assumptions. As a result to the concerned discussion, the variant “reque” was presented only on the male informants’ speech [ANI1], and mainly on the 50-65 years individuals (67%) while the youngest ones presented 33% of occurancy. The variant “ri-ri” was mostly seen on the male informants (57%), but it was observed on the female individuals too (43%). It was highly observed on the oldest subjects (71%), and less seen on the youngest ones (29%). To sum up, these results show the importance of the elderly speakers in maintaining some lexical forms, as well as they point the male speakers as the responsible for keeping the lexical inheritances of the Brazilian Portuguese spoken in Maranhão.*

**Keywords:** *Lexicon. Geossociolinguistic. Clothing and Accessories.*

## Introdução

Sabemos que as línguas marcam a identidade de quem a utiliza e que, assim sendo, a história e a cultura de um povo encontram-se refletidas, especialmente, no léxico dessas línguas. Pelo léxico é possível recuperar aspectos da trajetória sócio-histórico-cultural de um povo, ou seja, inegavelmente, o léxico traz em si marcas identitárias da comunidade que o usa.

Biderman (1984, p.12) esclarece que o léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o ser humano não só se expressa, se comunica, mas também, cria e/ou assimila novos conhecimentos, devendo, portanto, ser analisado em seus contextos e cenários de uso.

Antunes (2012, p. 27) defende que não existe língua sem um conjunto de regras – a gramática – menos ainda sem léxico. O acervo lexical de uma língua vai se construindo a partir dos conhecimentos compartilhados pelos grupos sociais que o utilizam, num processo que modifica e amplia frequentemente esse conjunto vocabular, relacionando o indivíduo com o mundo:

O léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de “memória” representativa das ‘matrizes cognitivas’ construídas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa. (ANTUNES, 2012, p. 28).

Enquanto organismo vivo, que carrega a memória de um povo, a língua, mais especificamente, o léxico que a compõe se transforma e se recria.

Os falantes de uma língua tanto podem utilizar elementos distintos para expressar coisas diferentes como, também, podem usar diversificados elementos linguísticos para dizer as mesmas coisas. Sobre essa questão, Moreno Fernández (1998, p. 17) pontua que “às vezes, o uso de um elemento em lugar de outro do mesmo nível não supõe nenhum tipo de alteração semântica, de maneira que se usar um ou usar outro está se dizendo a mesma coisa”, em outros casos, a alteração semântica ocorre. Essa dinamicidade própria das línguas ocasiona a chamada variação linguística.

Inegavelmente, o ser humano se mantém em sociedade pelo uso de uma língua. Isso exige que ela se desenvolva, ao longo do tempo, num movimento vivo que categoriza, cria e dá novos sentidos ao acervo vocabular usado pelos seus usuários. Denominar os objetos, sentimentos, ações existentes é uma necessidade, como afirma Biderman (2001, p. 14), “as palavras geradas por tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio.”

A língua portuguesa, por exemplo, é a língua oficial de muitos países. Entretanto, cabe destacar que o português que saiu de Portugal e foi imposto a outros espaços apresenta-se hoje de formas distintas nesses locais.

No Brasil, país de dimensões continentais, o português tem mostrado uma variedade imensa nos diversos níveis que o constituem, principalmente, no lexical. Como o país é um celeiro de diversidade cultural, essa variedade é percebida, principalmente, no falar dos brasileiros provenientes das mais distintas regiões.

O português falado no Maranhão, por exemplo, assim como ocorre em outros estados do país, contém particularidades que deflagram as realidades geográficas, culturais, sociais do estado. Isso evidencia que o falante tanto é um agente ativo no processo de variação linguística, em especial, da variação lexical, quanto é um agente passivo, pois recebe da comunidade as heranças linguísticas deixadas.

A heterogeneidade linguística do português brasileiro representa a riqueza histórica, social, cultural do povo que o utiliza, uma vez que a língua não se resume somente à variedade padrão, mas também é constituída de uma variedade de dialetos, sotaques, vocabulários próprios. Assim sendo, em cada região do Brasil, tem-se formas peculiares de se expressar, como ocorre no Maranhão.

Nesse sentido, Brandão (1991, p. 5) ressalta que

É por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo. A todo instante, utiliza-a de acordo com a tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de

sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações que se depara. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo.

Para que detalhes importantes do português falado no Brasil não se percam, para mantê-lo como fonte de historicidade e cultura do seu povo, foram/estão sendo produzidos, além do atlas linguístico nacional, atlas linguísticos regionais, estaduais, para mapear a diversidade de falares no território brasileiro. Desse modo, de acordo com Cardoso (2010, p. 72),

[...] a realização de coleta de dados nacionais e regionais não são redundantes ou duplicidade de informação, mas sim, uma forma de aprofundar os conhecimentos, possibilitando que se obtenham mais detalhes para comparar tais dados, particularizando ausências e presenças de variações linguísticas.

Nesse contexto, surge o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que tem como um de seus principais objetivos mapear os falares das distintas regiões do país. Esse projeto foi idealizado por um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e, desde o início, vem sendo produzido de forma interinstitucional.

O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Dialetoлогия e Geolinguística contemporâneas, priorizando a variação espacial ou diatópica e atentando para as implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar.

Esse Projeto pretende mapear a língua portuguesa falada no Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões e recolhidos *in loco* por meio de inquéritos linguísticos realizados com 1.100 informantes dos dois sexos distribuídos, equitativamente, por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos. Para a seleção dos informantes nas capitais de cada estado, em número de 25 no total, além desses fatores, levou-se em consideração dois níveis de escolaridade – fundamental e superior –, ficando os demais pontos de inquérito com informantes, apenas, do nível fundamental. (CARDOSO, et. al, 2014).

No Maranhão, o Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) busca realizar o levantamento das realidades linguísticas do estado de maneira

sistemática, lançando mão da metodologia proposta pelo Comitê Nacional que coordena o Projeto ALiB.

O ALiMA fez a coleta de dados em 16 pontos por meio de entrevistas orais realizadas com informantes com o mesmo perfil definido pelo ALiB quanto ao sexo, faixa etária e nível de escolaridade, observando as especificidades do espaço geográfico do estado para não perder o registro das particularidades dialetais maranhenses.

Nesse cenário, estudos – como este – sobre o aspecto semântico-lexical do português falado no Maranhão no campo *Vestuário e Acessórios* do ALiMA são de grande valia pois ainda há a necessidade de realização de investigações que aprofundem a análise da influência dos fatores diagenérico, diassexual e diatópico no português maranhense dentro desse campo semântico. Esse motivo despertou o interesse em contribuir com os estudos geossociolinguísticos desenvolvidos no estado e no país e, assim, favorecer a ampliação do conhecimento sobre a diversidade lexical do português brasileiro e, futuramente, servir de base para a produção do *Atlas Semântico-Lexical do Maranhão*.

Para tanto, neste trabalho, fez-se primeiramente o levantamento dos dados dos inquéritos realizados nos municípios que fazem parte da rede de pontos do ALiMA: São Luís, Raposa, Pinheiro, Alto Parnaíba, Balsas, Carolina, Araiões, Brejo, São João dos Patos, Caxias, Codó, Imperatriz, Turiaçu, Carutapera, Bacabal e Tuntum.

Ao se utilizar como *corpus* os dados obtidos por meio dos inquéritos do ALiMA, se pôde analisar, à luz da Dialetologia e da Geossociolinguística, como os fatores diageracional, diassexual e diatópico influenciam a ocorrência das variantes usadas pelos maranhenses no campo *Vestuário e Acessórios* do ALiMA.

## Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da análise geossociolinguística da questão 220 do campo semântico *Vestuário e Acessórios* do Questionário Semântico Lexical – QSL do ALiMA: *Como se*



*chama aquela peça com dentes que se encaixam e é usada para fechar a roupa, bolsa...*

O questionário geral do ALiMA é dividido em questionários específicos: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, questões de pragmática, discurso semidirigido e texto para leitura. O campo *Vestuário e Acessório* do QSL/ALiMA possui nove questões referentes, respectivamente, **(212)** *à peça do vestuário que serve para segurar os seios*; **(213)** *à roupa que o homem usa debaixo da calça*; **(214)** *à roupa que a mulher usa debaixo da saia*; **(215)** *àquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas*; **(216)** *ao objeto fino de metal, para prender o cabelo*; **(217)** *ao objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos*; **(218)** *àquele calçado feito de madeira e coberto com uma tira de couro*; **(219)** *à roupa que ficou muito tempo ao sol e perdeu a cor*; **(220)** *àquela peça com dentes que se encaixam e é usada para fechar a roupa, bolsa*<sup>3</sup>.

O ALiMA segue a metodologia do ALiB. Dessa forma, a coleta de dados foi realizada com quatro informantes pertencentes à rede de pontos do ALiMA. Os informantes são de ambos os sexos, pertencentes à faixa etária I (18 a 30 anos) e à faixa etária II (50 a 65 anos), nativos das localidades pesquisadas, que cursaram no máximo até o 5º ano do ensino fundamental. No que tange ao município de São Luís, capital do estado do Maranhão, além dos quatro informantes com ensino básico, foram realizadas entrevistas com pessoas com nível superior de ensino, totalizando, oito sujeitos.

A primeira etapa do projeto foi a aplicação de um questionário a indivíduos que atendem aos critérios pré-estabelecidos, como sinalizado anteriormente. Cardoso (2010, p. 19) explica a importância de se estabelecer tais preceitos:

A recolha de dados, *in loco*, é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se visa alcançar com o

---

<sup>3</sup> Cabe esclarecer que as três últimas questões do campo semântico *Vestuário e Acessórios* pertencem, apenas, ao QSL do Atlas Linguístico do Maranhão, as demais foram extraídas do QSL do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

trabalho. Assim, idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem-se variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar.

O inquérito, ou entrevista, foi realizado(a) de forma a favorecer, do melhor modo possível, o entendimento dos informantes, ou seja, de maneira de clara, informal e direta para evitar duplos sentidos. Brandão (1991, p. 32), enfatiza a importância da homogeneidade na coleta e tratamento dos dados dos questionários: “Essa preocupação é muito pertinente para que os dados coletados possam ser trabalhados de forma científica”.

Após serem selecionados de acordo com os critérios já apresentados, os informantes conversam com os inquiridores (pessoas que fazem as perguntas e conduzem a interlocução), respondendo oralmente às perguntas dos diversos questionários que formam os inquéritos do ALiMA. Posteriormente, esse material, registrado em gravadores, foi faixalizado e as respostas foram transcritas grafemática e foneticamente.

Após pesquisas, o projeto ALiMA delimitou os municípios que compõem sua rede de pontos, considerando as mesorregiões em que o estado do Maranhão está dividido, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 1-** Rede de pontos do projeto Atlas Linguístico do Maranhão

Mesorregião Norte Maranhense	São Luís (MA/01), Raposa (MA/02) e Pinheiro (MA/03)
Mesorregião Sul Maranhense	Alto Parnaíba (MA/010), Balsas (MA/09) e Carolina (MA/08)
Mesorregião Leste Maranhense	Araioses (MA/14), Brejo (MA/13), São João dos Patos (MA/11), Caxias (MA/012) e Codó (MA/17)
Mesorregião Oeste Maranhense	Imperatriz (MA/07), Turiaçu (MA/04) e Carutapera (MA/05)
Mesorregião Centro Maranhense	Bacabal e Tuntum (MA 18)

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Ressalta-se que a distribuição dos municípios por mesorregião permite que se observe o repertório linguístico considerando a particularidade da divisão geográfica do Maranhão, dessa maneira, pode-se melhor observar o



quanto o fator diatópico influencia a seleção lexical usada pelos falantes maranhenses ocasionando a variação e a mudança linguísticas.

## Fundamentação teórica

A Linguística tem variados ramos de estudo e um deles é a Dialetologia, palavra de origem grega que significa estudo da fala. De acordo com Cardoso (2010, p. 15), esse ramo dos estudos linguísticos “tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”; destarte, os espaços ocasionam diferenças na língua. Em razão dessas diferenças, pode ocorrer um certo estranhamento na comunicação entre pessoas de localidades diferentes que usam uma mesma língua. Por exemplo, pode-se considerar a interação entre um carioca e um cearense: a comunicação acontece em português, porém, existem variações linguísticas que o carioca e o cearense trazem em suas falas que são próprias das localidades geográficas onde vivem, são os chamados dialetos regionais. Brandão (1991, p. 6) explica que situações como essa acontecem, pois a língua é uma identidade social:

Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal - o dialeto -, mas também filiá-lo a um determinado grupo o - seu idioleto. [...] A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem: (a) o país ou a região de que se origina.

Um dos primeiros estudos das variedades brasileiras da língua portuguesa resultou na obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. O autor, ao desenvolver esse trabalho, de maneira um tanto quanto intuitiva, favoreceria a produção de futuros trabalhos comparativos no território nacional.

No *Dicionário de Linguagem e Linguística*, Trask (2004, p. 79) define dialeto como uma variedade linguística regional ou social mais ou menos identificável, como um conjunto de marcas linguísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-fonológica restritas a uma comunidade menor inserida numa comunidade maior de usuários da mesma língua, ou seja, o dialeto é o modo característico de uso da língua numa determinada região.

Por meio de estudos na área da Dialetologia pode-se estabelecer fronteiras geográficas de certos usos linguísticos, ou seja, tal ciência procura descobrir e descrever as diferentes formas de falar num determinado espaço selecionado para análise. Os estudos dialetológicos tiveram início no século XIX, na Europa. No primeiro momento, o objetivo era destacar a ocorrência ou a ausência de dados levando em consideração somente os espaços geográficos, excluindo outros fatores extralinguísticos, como aponta Cardoso (2010, p. 48):

Os primeiros estudos classificados como de cunho dialetal buscam retratar diferenças espaciais. O interesse pelo conhecimento da realidade linguística inserida no espaço físico levou a que se desenvolvessem trabalhos com a finalidade de descrever áreas e de apontar a realidade linguística de um território politicamente definido.

No Brasil, Nelson Rossi foi pioneiro na realização de estudos dialetais desenvolvidos com rigor científico e precisão metodológica. O seu trabalho resultou na elaboração do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), publicado em 1963. A partir do trabalho de Rossi, outros estudos foram sendo desenvolvidos e, hoje, são muitas as obras produzidas na perspectiva dialetológica no país.

Por apresentar uma vasta extensão territorial, com os mais diversificados climas, realidades e formações socioeconômicas, o Brasil se tornou solo fértil para o desenvolvimento de trabalhos na área da Dialetologia:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (CARDOSO, 2010, p. 15).

A Geolinguística, por sua vez, é o método da Dialetologia que possibilita mapear os fenômenos linguísticos. Para Cardoso (2016, p. 21), os estudos geolinguísticos podem ser monodimensionais ou pluridimensionais. Os primeiros atlas linguísticos produzidos no Brasil refletiam uma visão monodimensional, ou seja, monoestática, monogeracional, monofásica e homogênea dos fatos linguísticos. Na perspectiva pluridimensional, os fatos linguísticos são abordados por meio das relações sistemáticas com os fatores

extralinguísticos. Assim, a visão pluridimensional aborda os parâmetros diatópicos correlacionados com as variações sociais, como a diastrática, diageracional, diassexual, etc.

Geolinguística pluridimensional parte, portanto, da necessidade de se compreender minuciosamente os fatores extralinguísticos que exercem influência na língua dentro de uma delimitação política. Dessa forma, essa metodologia recebe contribuições da Dialectologia e da Sociolinguística, pois pretende detectar as diversas manifestações linguísticas levando em consideração a realidade social.

Desse modo, Cardoso (2002, p. 14) considera que:

A geolinguística hoje, neste final de milênio, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tornando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados reais.

O espaço físico e a realidade socioeconômica dos informantes se complementam e ajudam no entendimento da diversidade linguística. Nesse sentido, os estudos dialetológicos obedecem a três passos importantes: identificar, descrever e sistematizar a variação linguística. Após se realizar a identificação do fato linguístico, passa-se a descrevê-lo fazendo o levantamento das variantes existentes. Descrever é enumerar as variantes lexicais possíveis e que tenham o mesmo valor de verdade. Como há várias formas de dizer a mesma coisa, a Dialectologia inventaria, descreve e sistematiza essas variações.

O termo geossociolinguística foi forjado consoante à ideia de se analisar a língua numa perspectiva plural. Razky (2010, p. 172) afirma que “com o desenvolvimento da geossociolinguística, a análise de dados variacionistas se tornou mais complexa”, pois passou a promover o “cruzamento de dados na mesma localidade e entre localidades”. A abordagem geossociolinguística de dados “é necessária para compensar os limites de cada uma das duas disciplinas: a Sociolinguística cuja maior parte dos trabalhos no Brasil se detém na dimensão social e local; e a Geolinguística, que se preocupa com aspecto social com estratificação social mínima”. (RAZKY, 2010, p. 172)

## Análise dos dados

Para assegurar a compreensão da análise dos dados obtidos na questão 220 do QSL do ALiMA – *fecho éclair*, *zíper*, *ri-ri* e *reque* – esta parte encontra-se estruturada em duas partes principais: a perspectiva diatópica e social – diasssexual e diageracional. Para ampliar a análise do fator diatópico é apresentada, também, uma carta linguística.

### *Análise da dimensão diatópica*

No mato, às vezes, a gente já conhece tanta coisa. Quando chega na cidade, acompanha aquele nome que tá na cidade. (Pinheiro-MA, sexo masculino, faixa etária II).

Como já exposto, utilizou-se, neste trabalho, o banco de dados do ALiMA. Ressalta-se que os trabalhos desenvolvidos pelo projeto ALiMA pretendem desenvolver o retrato mais fiel possível do português falado no Maranhão. Pontua-se que entre os 68 informantes entrevistados, foi obtido um total de 127 ocorrências distribuídas em cinco itens lexicais, conforme identificado na tabela 1.

**Tabela 1-**Produtividade das variantes lexicais que nomeiam “a peça com dentes que se encaixam e é usada para fechar a roupa, bolsa”

Unidades lexicais	Nº	% total
<i>Fecho éclair</i>	55	43%
<i>Zíper</i>	47	37%
<i>Ri-ri</i>	21	17%
<i>Reque</i>	3	2%
<i>Outras</i>	1	1%

**Fonte:** Elaborada pelos autores

Entende-se que o léxico é “[...] um conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (DUBOIS et al., 1973, p. 365). Pensando nisso, pretende-se, nesta seção,

discutir os dados que se mostraram mais relevantes em consideração ao fator diatópico.

Na mesorregião Norte – composta pelos municípios São Luís, Raposa e Pinheiro – foi documentada, como primeira resposta<sup>4</sup>, a unidade lexical *fecho éclair*, em oposição à mesorregião Sul – composta pelos municípios de Carolina, Balsas e Alto Paranaíba – onde se constatou uma maior incidência de uso do item lexical *zíper* como primeira resposta.

Atinou-se, ainda, para outro ponto relevante, o léxico dos informantes de municípios que compõe uma mesma mesorregião apresentou diferenças de uso no que tange à questão 220. É o que se constata no repertório linguístico dos informantes de São João dos Patos e Araisos, pertencentes à mesorregião Leste – constituída, também, pelos municípios Codó, Caxias e Brejo. Os dois municípios citados, inicialmente, são os únicos que não apresentaram evidências de uso da variante lexical *ri-ri* nessa mesorregião. Isso revela a importância de pesquisas de cunho geossociolinguístico, como esta, para se conhecer e fotografar os mais diferentes falares nos diversos níveis da língua.

Na mesorregião Oeste, os informantes do município de Turiaçu e Carutapera deram como primeira resposta a variante *fecho éclair*. Por outro lado, os informantes do município de Imperatriz, município dessa mesorregião, demonstraram maior preferência pelo uso da variante *zíper*.

Na mesorregião Centro, embora se tenha constatado que as variantes *zíper* e *fecho éclair* sejam de conhecimento dos informantes dos municípios dessa mesorregião, notou-se que os informantes de Tuntum usaram como primeira resposta *zíper* enquanto que, em Bacabal, os informantes utilizaram como primeira resposta *fecho éclair*.

Quanto à questão 220 em análise, observou-se que a variável diatópica mostrou-se relevante uma vez que, embora a variante *fecho éclair* tenha tido o maior número de ocorrência - 55 realizações –, seguida de *zíper*, com 47, *ri-ri*, com 21 realizações, *reque*, com 3 registros, e *ripe* com, apenas, uma

---

<sup>4</sup> Considera-se como primeira resposta aquela variante dita anteriormente em relação às outras.

ocorrência, *fecho éclair* não foi recorrente, como primeira resposta, em todas as mesorregiões maranhenses. Além disso, em algumas mesorregiões, se constatou a realização de determinadas unidades lexicais e, em outras, não. E, também, se verificou a variação lexical dentro de uma mesma mesorregião.

## *Análise da dimensão social*

### *Sexo*

Com relação à variável sexo, destaca-se que a variante lexical *reque* não foi documentada na fala das mulheres. Os dados demonstraram que esse item lexical esteve presente no repertório linguístico, apenas, dos homens.

Observou-se, ainda, que as unidades lexicais *fecho éclair* e *zíper* foram usadas por informantes de ambos os sexos. Porém, as mulheres demonstraram maior índice de uso dessas variantes lexicais (51%), ao passo que entre os homens houve um percentual de 49% de registros de ambas as variantes. Os dados revelam também que os itens lexicais *fecho éclair* e *zíper* estão em batalha por sua existência (TARALLO, 2001).

*Ri-ri* foi mais recorrente na fala dos homens (57%) que na das mulheres (43%). Essa variante apareceu, apenas, uma vez como primeira resposta na fala de uma mulher, como mostra o exemplo abaixo:

INF. - Ri-ri.

INQ. - Tem outro nome?

INF. - Fechiquer.

INQ. - Mais algum que você conhece.

INF. - Não (Brejo-MA, sexo feminino, faixa etária II).

Na fala da maioria das mulheres, a variante *ri-ri* foi apresentada como uma resposta secundária, ou seja, vinha após outra variante. Isso demonstra que *ri-ri* é um item lexical guardado na memória, como uma “palavra” de outros tempos, do tempo da mãe/avó, mas que não está comumente em uso nos dias atuais. As mulheres adaptam-se para usar unidades lexicais mais atuais - *zíper* e/ou *fecho éclair*, como destaca-se no trecho a seguir:

INQ. - E aquela peça, com dentes, que é usada pra fechar roupas, bolsas? Isso aqui, oh.



INF. - o zipi?

INQ. - Tem outro nome?

INF. - Antigamente, eles chamavam rí-rí, mas agora eles não chamam mais não. É zipi, fechi. (Pinheiro MA/03, sexo feminino, faixa etária I).

A partir da análise realizada nesse campo de estudo, hipotetiza-se que as mulheres tendem a dar preferência ao uso de formas inovadoras.

## *Idade*

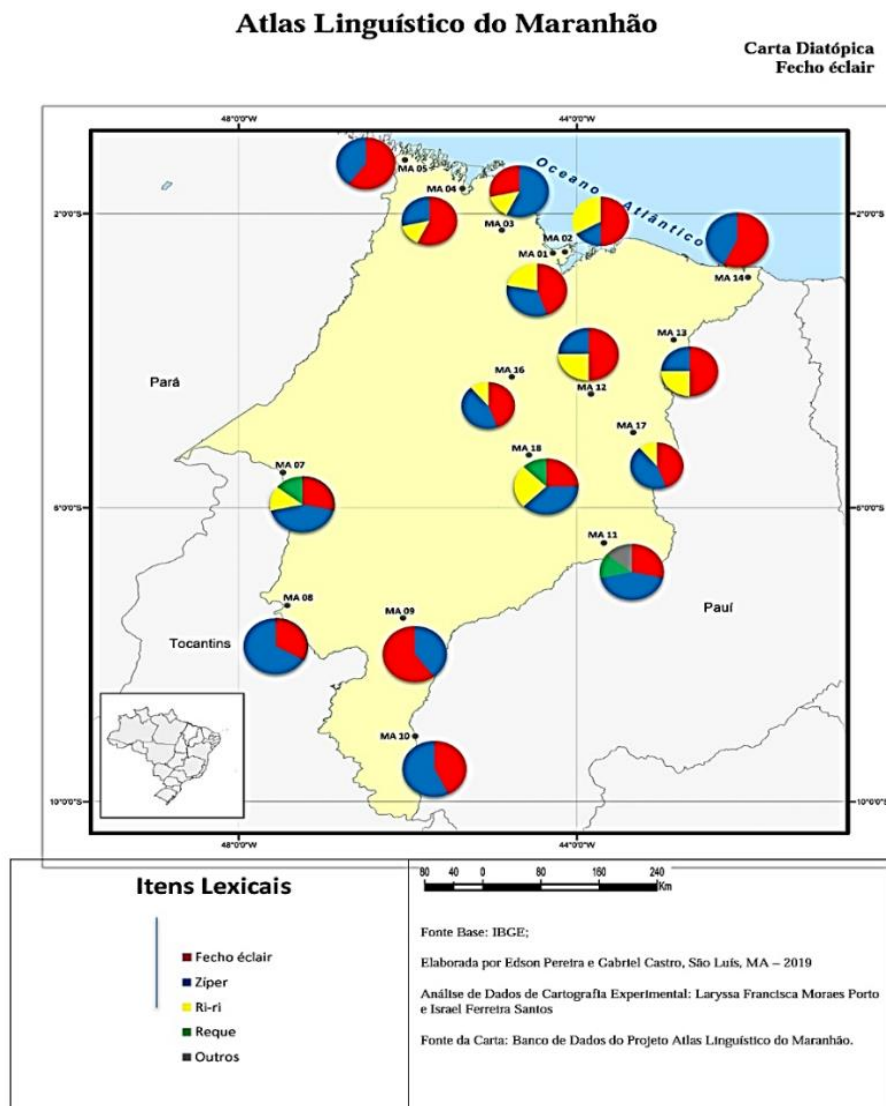
As duas faixas etárias utilizam, respectivamente, com mais frequência, as variantes *fecho éclair* e *zíper*. Isso revela que as duas variantes estão em disputa já que é de uso dos informantes das duas faixas etárias. A variante *ri-ri* se apresentou como uma variante típica dos informantes mais idosos uma vez que esse item lexical teve 71% de ocorrência na fala dos informantes da faixa etária II e, apenas, 29% na fala dos da faixa etária I.

*Ri-ri* é uma variante que está, principalmente, na memória dos informantes da faixa etária II, conforme pode-se evidenciar na fala do informante abaixo:

Uhn, fecheclé. Só que quand'eu era criança dizia-se que isso era *ri-ri*. *Ri-ri*, por que isso, né? Aí, é ri, por causa do barulhinho que faz pra lá e pra cá. (risos) Mas, aí, depois, é que aprendi que o nome era fechecler, que acaba sendo uma coisa ainda importada lá do francês, né, que é, tem um.... Aí, zíper, também, é muito mais comum hoje, você chegar, né, num armarinho e pedir: "ah, você tem um zíper preto de vinte centímetros ou de trinta", entendeu? Então, já dá pra usar, então, é uma palavra um pouco mais aportuguesada, né, porque fechecler... (São Luís-MA, sexo feminino, faixa etária II).

Observa-se, na fala desse sujeito, que a variante *ri-ri* se configura como uma forma mais antiga. Além disso, a informante observou que *ri-ri* pertence a outro sistema linguístico, ou seja, francês. No que diz respeito à variante *reque*, como já dito anteriormente, é mais frequente no repertório linguístico dos informantes da faixa etária II.

Figura 1: Distribuição diatópica das denominações para *fecho éclair* no estado do



Maranhão

Fonte: Elaborada pelos autores

### Considerações Finais

Por meio da análise de uma parcela do *corpus* do banco de dados do ALiMA, foi possível realizar a análise da diversidade lexical documentada como denominações para *Aquela peça com dentes que se encaixam e é usada para fechar a roupa, bolsa* – questão 220 do Questionário Semântico-Lexical do ALiMA –, o que possibilitou visualizar uma parcela da variedade lexical do falar maranhense. Dentre os fatores considerados, diatópico, diassexual, diageracional, o uso das variantes lexicais *fecho éclair*, *zíper*, *ri-ri*, *reque* se mostrou muito diversificado no que tange à distribuição diatópica.

O exame dos dados lexicais permitiu estabelecer, também, o perfil dos usuários das variantes documentadas. É o caso de *reque*, que se mostrou mais evidente nas falas dos informantes do sexo masculino em oposição à forma *fecho éclair* e *zíper*, evidenciadas nas falas dos informantes do sexo feminino e masculino. Também foi possível observar as preferências de uso de itens lexicais no âmbito de uma mesma mesorregião, como no caso da mesorregião Oeste, em que os informantes do município de Imperatriz não demonstraram preferência pela variante *fecho éclair*, diferindo dos outros municípios dessa mesorregião, em que o uso de *zíper* figurou como primeira resposta.

Portanto, por meio deste estudo, tentou-se mostrar como o uso das diversas formas lexicais utilizadas pelos informantes para denominar a *peça com dentes que se encaixam e é usada para fechar a roupa, bolsa* trazem marcas dos contextos geográficos e sociais em que os falantes estão inseridos, bem como refletem a natureza diversificada dos usos linguísticos no território maranhense. Acreditamos que este estudo, além de fotografar o uso das unidades lexicais analisadas, oferece subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa falada no estado do Maranhão, bem como no Brasil.

## Referências

- ANTUNES, I. Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande- MS: Editora da UFMS, 2ª ed., 2001, p.13-22.
- BIDERMAN, M.T. C. A ciência de lexicografia. ALFA: Revista de Linguística, v. 28 - Suplemento, p. 01-26, 1984. Disponível em <<http://hdl.handle.net/11449/107589>>.
- BRANDÃO, S. F. A Geografia Linguística no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, S. A. M. S. Dialetologia. In: MOLLICA, M. C; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.). Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016, p. 14-22.
- CARDOSO, S. A. M. S. *et. al.* Atlas Linguístico do Brasil: volume 1. Londrina: Eduel, 2014.
- CARDOSO, S. A. M. S. A Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. S. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? Revista do GELNE, Fortaleza, ano 4, n.2, p.1-16, 2002.

CARDOSO, S. A. M. S; FERREIRA, C. A. Dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.

MORENO FERNÁNDEZ, F. Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

RAMOS, C. M. A. et. al. (Orgs). Estudos sociodialetais do estado do Maranhão.. São Luís: EDUFMA, 2019.

RAZKY, A. Uma perspectiva geo-sociolingüística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. In: Dans Estudos Linguísticos e Literários. n. 41, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, Salvador: EDUFBA, 2010.

TARALLO, F. Pesquisa sociolingüística. ed. 7<sup>o</sup>. São Paulo: Ática, 2001.

TRASK, R. L. Dicionário de Linguagem e Linguística. São Paulo: Contexto, v. 1, 2004.

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2020